
REPRESENTAÇÕES DA LOUCURA EM AUTRAN DOURADO

Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva¹

RESUMO

Este artigo analisa a representação do fenômeno da loucura em “As voltas do filho pródigo” – do romance *O risco do bordado* (1970), de Autran Dourado, sob um viés ético e estético. A representação do processo de enlouquecimento, a partir da relação entre personagem louca e demais elementos estruturais da narrativa, constrói o indivíduo louco como um outro, destituído de laços afetivos, dominado por uma essência animalésca, estranha, indesejada e ameaçadora. Multifacetada e portadora de uma lógica própria, a loucura encontra na experiência literária um espaço para a construção do desmoronamento. E a palavra tanto pode tagarelar sobre o conteúdo da recorrência trágica dos surtos quanto evidenciar a irracionalidade contida nos preconceitos e estereótipos que circulam sobre a loucura e que à análise cabe desvelar, à luz dos conceitos de representação, estigma, identidade, diferença e alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e loucura, representação, alteridade, estigma, Autran Dourado.

ABSTRACT

This work analyzes the representation of the phenomenon of madness in “As voltas do filho pródigo” – of the novel *O risco do bordado* (1970), by Autran Dourado, under an ethical and aesthetic bias. The representation of the process of madness, from the relationship between the crazy character and other structural elements of the narrative, builds the crazy person like the other, devoid of emotional ties, dominated by an animalistic, strange, unwanted and threatening essence. Multifaceted and carrying its own logic, madness found in the literary experience a space for building collapse. And so the word can chattering about the content of the tragic recurrence of outbreaks as well highlights the irrationality contained in the prejudices and stereotypes that circulate about madness and that the analysis reveals, in the light of the concepts of representation, stigma, identity, difference and otherness.

KEYWORDS: Literature and madness, representation, alterity, stigma, Autran Dourado.

“As voltas do filho pródigo” é o título do que pode ser tratado como um quarto episódio, capítulo ou bloco do romance *O risco do bordado*, de Autran Dourado, publicado em 1970. Ele faz parte de uma cadeia narrativa maior em que diferentes histórias se

¹ Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB, 2008). Pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC/ TEL/ UnB). Professora da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal, atuando na formação continuada de professores da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE-GDF). E-mail: gislenebarral@felipedasilva.com

articulam entre si e as personagens de uma estão ligadas às outras. São histórias que narram as mais marcantes experiências da infância do menino João e participam de seu aprendizado e amadurecimento. Um dos fatos de intenso impacto familiar e narrativo é o que envolve seu tio Zózimo e coloca o menino em contato com o fenômeno da loucura. O protagonista não é o louco, mas um narrador falando de si mesmo e contando sua relação e a de seus familiares com a loucura do tio, que é percebida pelo menino como um enigma e segredo de família, os quais ele precisa investigar e decifrar para elevar-se ao status de adulto. O conhecimento e o sofrimento no convívio com a loucura do parente são condições necessárias para que ele forme uma consciência dos fatos e de seu papel e função dentro do grupo familiar e social.

Pródigo em significações, o título do bloco remete tanto às voltas da personagem pelos espaços externos, quanto às idas e vindas do louco à casa paterna e, por analogia, à relação de ingratidão do filho do episódio bíblico com o julgamento de Vovô Tomé sobre Zózimo. Pode referir-se, ainda, aos surtos periódicos, às recidivas dos acessos de loucura, assim como à prodigalidade da personagem, com suas histórias enchendo de alegria e graça o casarão e o lugar natal. A narrativa trata da alternância entre a espera pelo retorno e as chegadas e partidas do tio louco até sua partida final, que é a própria morte e encerramento trágico de sua odisseia no interior do romance e na vida do narrador.

O tio louco, que havia atirado em seu próprio ouvido, vive longe da casa paterna, mas sempre volta, após mandar um aviso. O menino pressente, a partir da tensão familiar com o recebimento da carta, que o tio está para chegar. Quando regressa, Zózimo vem acometido de um surto de loucura. Durante os primeiros dias, mergulhado num estado de completa letargia, afasta-se de tudo e de todos e afunda-se silencioso na rede da sala ou do quarto, de onde só se levanta “para gritar, e berrava o seu ódio contra os pais, contra o irmão, contra a cidade, contra o mundo” (DOURADO, 1997, p. 100). Passa um mês em crise – isolado, irritado, dormindo ou gritando insultos, depois do que se levanta da rede, enche o peito de ar, toma um banho e revela-se uma pessoa diferente. Age como se tivesse acabado de chegar, com abraços, presentes e muita festa, para, tempos depois, retornar às suas andanças. Assim, as crises furiosas de loucura são acompanhadas por momentos de

purificação, seguidos de encantamento e iluminação. No último desses retornos, pensa-se que o tio não viajaria mais para suas intermináveis peregrinações, que ele ficaria definitivamente em casa. Mas já que ele “não era como o trivial dos mortais”, “tudo com ele se dava ao contrário” (DOURADO, 1997, p. 118). Na manhã em que deveria partir mais uma vez, tio Zózimo desaparece deixando uma carta de despedida sobre o criado-mudo. Pressentindo algo, o avô ordena que procurem por ele. Ele não estaria longe: encontram-no “dependurado por uma corda amarrada na viga do teto” e deparam com “a certeza de que aquela era a sua última partida”, da qual “ele não voltaria nunca mais” (DOURADO, 1997, p. 119). Encerra-se então a história trágica, plena de angústia, inquietação e dor existencial daquele que não consegue encontrar seu lugar no mundo.

Desde os momentos iniciais, a narração se apresenta vazada numa linguagem que reproduz o universo vivido pelo narrador e dele absorve a inquietação, o desequilíbrio, a angústia, instaurando uma atmosfera trágica. A primeira enunciação do texto “alguma coisa no ar” (DOURADO, 1997, p. 97) articula-se em torno de, mais que um segredo, um obscurecimento, onde “alguma” indefine o substantivo “coisa” que, em si, traduz mistério, e a expressão “no ar” remete, nesse contexto, ao vago, ao insólito, ao instável. Com esse modo de expressão, apreende-se tanto a maneira como o menino percebe a chegada do tio louco no casarão do avô, quanto se cria uma ambientação lúgubre com a aproximação da personagem. A combinação das palavras produz o efeito sinistro e um clima sobrenatural, assim como é tratada a loucura de tio Zózimo no decorrer da narrativa. A ideia de que o louco é governado por forças misteriosas pode estar na base da representação enigmática que envolve a figura de tio Zózimo. Os discursos religiosos, por muito tempo, considerou o corpo enlouquecido como tomado por espíritos com os quais mantém contato. A falta de conhecimento do fenômeno da loucura e as clássicas polêmicas acerca do tema sedimentam essa visão.

Nesse cenário, tecido por uma linguagem que busca representar uma situação incompreensível à razão humana, a personagem de Zózimo vai se apresentando, pouco a pouco, segundo as percepções de um narrador cujo ponto de vista acha-se colado à visão de si próprio quando menino, ou seja, a partir de um distanciamento temporal. Sendo assim, o

cruzamento de olhares sobre a matéria narrada dá uma dimensão do jogo de olhares que constitui o romance: o leitor vê o louco sob a óptica do narrador que, por sua vez, olha esse louco em grande parte do tempo sob o ângulo de visão do menino. Esse olhar do menino sobre o tio é verbalizado na forma de narração em discurso indireto livre. De tal modo, a narração em terceira pessoa poderia ser substituída pela primeira pessoa, sem maior prejuízo para a economia narrativa. O louco é representado como “ele”, aquele de quem se fala, enquanto objeto do discurso de um outro, exercendo o papel de tio do narrador, que, já adulto no tempo da narração, busca conciliar no espaço textual a visão captada pelo menino com a que hoje consolidou acerca do vivido, podendo, por isso, fazer um balanço de seu passado.

No decorrer da narração, a personagem do louco Zózimo vai se mostrando na condição de um jovem adulto solteiro, um dos quatro filhos de Tomé e Naninha, irmão de Margarida, de Alfredo e da mãe do narrador. Essa família tradicional vive na cidade fictícia de Duas Pontes, localizada, de acordo com as referências do texto, no sudoeste do Estado de Minas Gerais. Morando na pequena cidade, a família se sustenta da produção agrícola de sua fazenda em área rural um pouco afastada. As ocupações de Zózimo consistem nas perambulações pelas “cidades, por onde andejo arrastava a sua angústia e solidão – o seu deserto, as suas sandálias empoeiradas” (DOURADO, 1997, p. 97). Não se determina de onde provêm os recursos financeiros que custeiam sua sobrevivência, tantos deslocamentos e os presentes caros trazidos em cada retorno para todos os membros da família. E isso leva o menino a supor que ele “devia ser muito rico, mais rico que o avô, um dia era capaz de ser um dos homens mais ricos do mundo, mais rico que o Matarazzo” (DOURADO, 1997, p. 106). Nesse aspecto, a alusão ao filho pródigo leva a pensar na personagem da parábola bíblica que sai a dissipar a parte que lhe cabe no patrimônio da família, mas Zózimo traz presentes para os familiares.

O desapego da personagem a espaços e valores socialmente cristalizados torna-o louco porque destoa, com seu comportamento e projeto existencial, dos membros de seu grupo familiar e social. Avesso àquele modo de vida enraizado à tradição, à família e ao lugar de origem, valores tão caros à sua gente, sua rebeldia consiste em manter-se íntegro aos

anseios e princípios individuais. E, como um desviante, ele perturba “por ser desafiador, desprezando os ‘valores’ legitimados: saúde, trabalho, carreira, propriedade etc.” (VINCENT, 1992, p. 155). Esse individualismo ligado aos sonhos e à busca de um mundo utópico difere do individualismo burguês do irmão Alfredo, que se afasta da família para se qualificar profissionalmente, no curso de agronomia que frequenta, a fim de dar continuidade à tradição familiar. O distanciamento de Zózimo, ao contrário, atende ao apelo individualista de liberdade em uma vida desregrada, desligado do passado e de uma expectativa de futuro².

A caracterização psicológica, que constrói a personagem como louca, compõe a imagem de um homem com séria instabilidade emocional. Nele se alternam picos de euforia com quedas de humor, caracterizadas pela perda da inibição social e incapacidade de relacionar-se de modo equilibrado com seus familiares, apresentando tendências depressivas e ideias suicidas em seus piores momentos. Seu comportamento durante as crises oscila entre a letargia e a agressividade: “ele se afundava na rede, de onde só se erguia para gritar, e berrava o seu ódio contra os pais, contra o irmão, contra a cidade, contra o mundo” (DOURADO, 1997, p. 100). Ele alimenta ideias delirantes de que “precisa ajustar contas” com seus familiares, principalmente com o irmão Alfredo.

Na literatura em geral, o fato de não se atribuírem nomes próprios às personagens sugere uma estratégia de mutilação da identidade. Estratégia similar ocorre aqui quando os familiares se impõem o silêncio acerca do nome de Zózimo e de sua situação, buscando, desse modo, esquecer ou afastar os sofrimentos e as angústias que o simples nome do louco evoca. O acordo tácito é não dizer, como se o signo tivesse o poder de materializar o referente a que corresponde, como se a enunciação fosse capaz de atualizar o indesejado. Por isso, “o próprio nome de Zózimo era um panema terrível” (DOURADO, 1997, p. 98). Tanto a ausência de nomes para as loucas quanto o apagamento do nome do tio nas conversas e assuntos de família, associando-o a mistério e segredo,

² Essa postura relaciona-se mais à juventude da época em que a obra *O risco do bordado* foi publicada. Contudo, os fatos contados se passam algumas décadas antes, pois o narrador João, que ainda era criança, já se encontra, no momento da escrita, vivendo sua maturidade.

refletem “uma profunda divisão entre um ‘nós’ correto e um ‘eles’ desordenado, como parte de um processo de classificação que carrega todas as qualidades da defesa da comunidade contra o caos” (JOFFE, 1976, p. 124). Disso decorre que “uma aparência de ordem é criada exagerando as diferenças, como aquelas entre as transgressões da harmonia e os corretos” (DOUGLAS, apud JOFFE, 1976, p. 124).

Se a ordem social é mantida por meio de oposições binárias, tal como entre loucos e não loucos, a criação de divisões que categorizam os indivíduos transgressores como loucos, segundo o sistema vigente, é importante para garantir certo controle social (WOODWARD, 2000, p. 46). E esse controle, que separa e marginaliza, é sugerido, por exemplo, quando Alfredo adverte: “Não quero nem pensar nele. Um espinho atravessado. É como uma dor funda no peito que a gente quer esquecer, com medo que seja um tumor maligno. É melhor falar de outro assunto” (WOODWARD, 2000, p. 46). Então o menino apreende essa tática da família e, desse dia em diante, fica “sabendo que não devia nunca dizer o nome de tio Zózimo. Mesmo na rua ele passou a não dizer. Aprendeu por mimetismo a copiar os de casa” (DOURADO, 1997, p. 99).

O silêncio é o modo de desviar-se do mal que representa a loucura. Assim como se evita o nome do louco, também a palavra “loucura” é substituída por eufemismos como “crises” e “dias ruins”. Apenas em um momento de desespero, a família, no caso o pai do louco, refere-se a ele como “esse maluco”. Em família, a personagem é tratada como “meu filho”, “tio Zózimo”, “o filho pródigo”, sempre designado como o familiar, embora estranho. A carga negativa das palavras que geralmente se usam para designar o fenômeno da perturbação psíquica e o indivíduo perturbado psiquicamente é atenuada por uma expressão mais genérica e assim busca-se encobrir o segredo da família. Isso importa de tal modo que quando João aprende a estratégia familiar de omissão do nome do tio e do assunto de sua loucura nas conversas em público, torna-se, sintomaticamente, motivo de orgulho para a família e sente-se maduro e preparado para lidar com o problema do contato com aqueles que vivem com o louco em sua comunidade. Mais do que assunto tabu ou insignificante, falar sobre o louco é repercutir e valorizar um assunto que se quer ver esquecido, desprezado, anulado, enfim, da vida social.

Não é de se estranhar que, nas conversas domésticas, o tema da loucura seja silenciado, pois, representada como uma tragédia com a qual a família está predestinada a conviver, o destino daquele que enlouquece não mais pertence apenas ao louco: torna-se a insanidade do grupo familiar, unido em torno de semelhantes angústias e incertezas. Cercada de mistérios e pressentimentos, até mesmo a expectativa pelo regresso do parente louco aciona toda uma gama de reações físicas e psicológicas nos membros da família, ocasionando perturbações que podem ser percebidas desde os sintomas psicossomáticos dos familiares até os deslocamentos físicos de seu irmão.

Entre os signos utilizados para evocar a chegada próxima do louco, as cartas desempenham papel fundamental, pois são portadoras da tragédia e participam a catástrofe. Elas estão presentes desde a abertura – anunciando a chegada iminente do tio – até a conclusão da história de tio Zózimo, quando o envelope sobre o criado-mudo com a irônica inscrição “A quem interessar possa” prenuncia sua morte, e aterroriza vovô Tomé. Também registram as tentativas de suicídio (“no criado-mudo as cartas anunciando a decisão final” (DOURADO, 1997, p. 114) que antecipam cada partida do tio para suas perambulações. Embora seja sinalizadora da tragédia, a última carta de tio Zózimo, que talvez pudesse de fato esclarecer suas motivações para o suicídio, permanece com seu conteúdo secreto. O registro de seus motivos para buscar a própria morte ou mesmo um apelo do louco não é ouvido no interior da narrativa nem da narração, indiciando não só a incomunicabilidade dentro daquele grupo familiar como a ausência de preocupação em construir uma representação que dê sentido à loucura da personagem.

Uma particularidade, de natureza física, que desperta a curiosidade do menino, e fundamentalmente contribui para levá-lo aos meandros daquele segredo de família, é a diferença da orelha do tio em relação às demais orelhas. Essa característica o perturba de tal modo que se torna obcecado em descobrir o motivo daquela orelha tão diferente de todas as já vistas, seja de pessoas e animais. Muitas páginas são empregadas para descrever seus movimentos e observações de orelhas alheias a fim de se chegar ao motivo de o tio apresentar uma orelha tão distinta das outras. Os adultos na casa silenciam sobre o assunto. As inquietações levam João a descobrir, por meio do colega Zito, que aquela deformidade

está relacionada ao tiro que o tio dera em seu próprio ouvido. Com essa peça-chave, o menino consegue compor o quebra-cabeça em que se transformou para ele a história de Zózimo e decifrar os significados dos signos transmissores de tantas informações. Aí então se conscientiza da história que cerca o tio louco.

A dinâmica interior de Zózimo faz dele uma personagem capaz de escolher o que deseja, entre diferentes opções de vida e comportamentos, e agir conforme essa escolha. A loucura impede, porém, sua completa autonomia, já que ela é sinônimo de fuga, alimentando-o do desejo de morte e levando-o ao impulso de autodestruição. Quando decide assumir sua própria morte, a personagem mostra que aceita seu destino e vai executá-lo. Mas, mesmo que aparente ter controle sobre sua própria vida, seu desejo de morte o torna frágil, porque o que ele persegue é o caminho do aniquilamento de seu ser, do tornar-se nada. Se o instinto básico e natural do ser humano é preservar a vida, a personagem coloca-se do outro lado, no domínio do estranho e não tolerado. Por outra perspectiva, o suicídio pode ser tomado, como o fez Durkheim, como a denúncia do indivíduo de uma crise no quadro social (DURKHEIM, 1995, *passim*). Em todos os casos, o suicida pode ser tido como “o desafiante absoluto. Desafio aos vivos por recusar uma existência que ele julga insatisfatória ou intolerável. Desafio aos mortos, aos quais vai se reunir com uma pressa incompreensível. Desafio a Deus, já que nega sua própria Criação...” (VINCENT, 1992, p. 345). E, ao mesmo tempo, o suicida provoca desprezo (“Que covardia fugir à luta da vida!”) e admiração (“Que coragem passar à ação!”). Mas, “apesar da provocação – e até da ostentação, ele permanece cercado de segredo” (VINCENT, 1992, p. 345). Entretanto, se o desejo da personagem, em sua loucura e enquanto louco, é ir e vir num “vaguear [que] já é a morte, a desorientação mortal que cumpre, enfim, interromper ficando-se” (BLANCHOT, 1987, p. 99), sua liberdade é alienada não com a morte de sua loucura, mas com a loucura de sua própria morte.

A recuperação do surto e o retorno à realidade se dão após um ritual de purificação de Zózimo. Só após esse renascimento, considera-se que ele chegou, de fato, a casa e à cidade. Onde andaria ele então nesse tempo crítico? No extremo de sua loucura, a personagem é tornada invisível. Ninguém na cidade sabe que ele chegou, porque aquele que

veio enlouquecido é tirado da cena social. Para eles, a loucura fragmenta a pessoa em alma e corpo, por isso “aquela separação, aquelas duas figuras, aquele fingimento de dizer tio Zózimo chegou quando ele já tinha chegado há muito tempo” (DOURADO, 1997, p. 116). Nessa espécie de suspensão do tempo cronológico para a reclusão em um estado psíquico que exige isolamento e repouso, a loucura é então uma condição protegida pelo espaço doméstico, lugar da interioridade. É também assunto que diz respeito à família, sob cuja tutela o louco deve permanecer nos momentos de surto.

Zózimo marca seu retorno à normalidade reativando os laços familiares e afetivos e os contatos sociais, cuidando de seu bem estar, alimentando-se com seus pratos prediletos, higienizando e exercendo sua sexualidade. Tudo isso demonstrando existir então um relacionamento dele com o mundo real. Mas se, na chegada, a casa paterna é o porto feliz onde desembarca com sua loucura, um tempo prolongado de permanência no limitado território da cidade provinciana resulta em inquietação e desejo de voltar a explorar o mundo exterior. Então sua vida familiar e social ali passa a não ter sentido, e esse espaço de conforto e segurança provoca angústia e sofrimento.

Contudo, a loucura é encoberta num processo de invisibilização e ocultamento que rompe com o binômio *mesmo-outro*, constituindo esse outro num diferente, o qual se sente o desejo de eliminar. Lançado ao patamar da alteridade radical, que é a forma extrema de constituição do outro (JODELET, 1998, p. 47-67) e implica não reconhecê-lo como participante de nossa natureza humana, o louco é um outro em que Zózimo se metamorfoseia; e João percebe no tio esse caráter duplo. Por isso, descreve-o, enquanto louco, como uma pessoa portadora de características tidas socialmente como negativas: é ameaçador, furioso, sujo, malcheiroso. Já o lado bom, aquele que se manifesta fora dos surtos, caracteriza-o como cheiroso, bonachão, generoso, alegre, vaidoso. Desse modo, não sendo imediatamente perceptível, o estigma de Zózimo baseia-se “em mexericos sobre ele” (GOFFMAN, 1988, p. 59), e, no relacionamento entre o Zózimo e sua comunidade, percebe-se que “todos estão obrigados a compartilhar um pouco o descrédito do estigmatizado com o qual eles se relacionam”. Com isso, a “resposta a esse destino é abraçá-lo e viver dentro do mundo do familiar ou amigo do estigmatizado” (GOFFMAN, 1988, p. 59).

Ainda que a personagem praticamente não evolua no decorrer da trama, nela está expressa o componente humano da contradição. No momento em que recupera a lucidez, recupera também um outro lado que se oculta sob a pele do louco indesejado, amargo e deprimido. Constrói-se uma imagem do menino banhado numa luz de encantamento, despertado pelas histórias ouvidas do tio. Aliás, esse brilho emanado da figura cativante de Zózimo enleva também as outras pessoas que com ele convivem, o que alimenta ainda mais a atração do menino pelo tio. Então o louco é transgressor por trazer a transformação naquele ambiente triste e silencioso, retirando o casarão do marasmo: “Ninguém mais era triste e calado” (DOURADO, 1997, p. 105). A notícia de que Zózimo está de volta a casa e bem, “se espalhava aos quatro ventos e todos os conhecidos velhos e velhos amigos vinham em romaria visitar, e a casa se enchia de gente conversadeira, alegre, amiga” (DOURADO, 1997, p. 104).

Também ambíguo é o modo como a personagem se relaciona com os espaços fechados e abertos. O espaço da casa e da vida familiar significa acolhimento e calma, mas continua sendo também o espaço da opressão e repressão, ao passo que o espaço externo não é apenas de libertação do universo familiar opressor. Esse espaço é marcado pela ambiguidade, pois lhe traz felicidade, mas, ao mesmo tempo, seu enlouquecimento. Ansioso por encontrar um outro lugar no mundo, bem distante daquelas terras onde cresceu, parece ter dificuldade de se emancipar dos laços familiares e dos princípios que o constituíram como homem e ser humano. Acha-se preso à família, ao passado e ao destino. Mas, ao mesmo tempo em que não se ajusta ao espaço de sua terra natal, ele também não se encontra em suas andanças pelas cidades distantes; não se fixa em nenhuma outra terra porque “os passos que não levam a parte alguma não significam a agitação da vida, uma força sempre viva, mas a pertença a um espaço onde não se pode permanecer, que é espaço noturno, lá onde ninguém é acolhido, onde ninguém reside” (BLANCHOT, 1987, p. 99).

A satisfação de seus desejos é sua degradação. Se a morte o limita, e esse limite ele quer superar executando sua própria morte, é porque não vê mais na vida o que buscar, simplesmente porque “não se pode pensar em *outra* coisa, e isso não é por temor de olhar de frente uma realidade demasiado grave, é porque não há nada para ver” (BLANCHOT,

1987, p. 99). Zózimo não se estabiliza, como os outros familiares, no lugar de sua família. Ele próprio marca seu lugar no mundo como o “navegador” e “andejo”, mas o sentido do que busca não encontra nos lugares por onde anda. Por isso, retorna sempre para confirmar que também sua cidade não é o seu lugar. Zózimo precisa da liberdade de vagar pelo mundo. Mas sua liberdade é limitada pelo desejo de morte que o acompanha. Matando a si mesmo, ele assume a culpa de seu desatino.

Não se sabe o que a personagem busca em suas viagens sem rumo, se apenas o prazer do olhar turístico sobre novas paragens, se um motivo interior que só a ela, em seu mistério, cabe conhecer, ou uma atribuição sigilosa até mesmo para o narrador, que pouco conheceria da personagem. Essa motivação interior que ele insiste em perseguir, mas que não é explicitada no texto, acaba por ficar sem resposta, um absurdo que se consubstancia no vazio, no nada, na loucura. Embora conviva com a eterna miragem de conhecer novos mundos, lugares, costumes, o que lhe promete felicidade e a esperança de uma nova vida, em seu itinerário absurdo ele caminha fatalmente para o patético da autodestruição tantas vezes ensaiada. O louco é representado como presa de um desejo de errância e sua perambulação *ad infinitum* é uma alienação, fadado que está a sempre caminhar, sempre procurar sem nunca encontrar. A loucura talvez metaforize uma postura niilista que vê a própria condição humana como um eterno caminhar para a autoaniquilação. Mesmo porque as constantes buscas de recuperação do espaço perdido, do espaço da infância e da liberdade resultam em um vazio, num passado perdido que só se reconstrói nas lembranças e em suas narrativas orais.

Se o louco não se ajusta mais àquele que deveria ser seu lugar no mundo, também esse mundo não o aceita. Isso o sobrinho João percebe nas manifestações das pessoas na chegada e na partida de Zózimo porque elas se dão ao contrário do esperado: mesmo sendo “dias bons” os que passava ao lado do tio, “ninguém chorava quando tio Zózimo ia embora”. Sua despedida, alegre e ruidosa, congrega na estação toda a família, e mesmo aqueles que raramente saem de casa, num clima de algazarra e euforia. Aqui se replica o linchamento simbólico. Já as voltas para a casa do pai, desde seu anúncio, são acompanhadas de muito choro por parte da família, expressão de uma dor que traz consigo

a loucura, o desconhecido, o espaço alhures que só se esvai quando o surto maníaco-depressivo o esgota.

O trem que parte levando a personagem para o espaço *outro* retoma a imagem da nau dos insensatos que os exila de suas cidades, lançando-os a outras paragens e purificando seus lugares de origem (FOUCAULT, 1991, p. 10-1). Nesses momentos, as partidas de Zózimo, que representam, por um lado, um alívio temporário para a família, por outro, trazem a certeza de que ele retornará ainda mais arruinado, pois o espaço aberto intensifica o desequilíbrio da personagem. Com o retorno à casa paterna, o drama dilui-se, mas mantém-se latente, haja vista as várias tentativas de suicídio e sua própria morte no âmbito do espaço doméstico.

Dos espaços abertos, o louco traz as novidades do mundo de fora, distante e atraente. Com a alegria disseminada pelas histórias e o espírito folgazão, ele possibilita estímulo para o convívio social e a ampliação dos horizontes da família e da cidade. O entusiasmo toma conta de seus ânimos quando descreve as cidades brasileiras por onde andou, chegando a se exaltar com a ideia fixa de perambular como única forma válida de viver a vida. O louco traz, para o eixo familiar, a estranheza e a ameaça não apenas de seu mundo interior, mas o insólito e perigoso do universo exterior, que corresponde ao espaço da rua, a qual o antropólogo Roberto DaMatta adverte que “está sempre repleta de fluidez e movimento”, pois “a rua é local perigoso”, “algo movimentado, propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são” (DaMATTa, 1997, p. 48). Ao narrar àqueles com quem convive suas incursões por tantas terras estranhas, ele traz as vivências desse fora para dentro. Seus parentes, estranhos ao que está fora de seu alcance, familiarizam-se com o estrangeiro, por meio desse seu louco que, ao mesmo tempo, traz o fora para dentro e leva o de dentro, que são suas experiências, para fora³.

Esse fora que ameaça o núcleo familiar é também a própria loucura chamando para si a centralidade e a prevalência sobre a razão. Quando encanta as pessoas próximas

³ Uma análise nesse sentido se encontra no trabalho de Torga, “O risco do bordado, de Autran Dourado a alusão nos gêneros textuais”, 2006, p. 27-8.

com a narrativa de suas aventuras e incursões por terras estrangeiras, ele sai da margem e torna-se figura central. O afastamento e o mal-estar são superados pelo brilho de sua figura cativante nos momentos de lucidez, o qual se nutre na eloquência e no uso da palavra de forma sedutora. Assim como os binômios estranho/familiar, fora/dentro, suas cartas anunciando os retornos mobilizam o núcleo familiar, pois é ao mesmo tempo “o fora, o estranho, que se imiscuiria no dentro, no fechado, no estabilizado, no conhecido/familiar mediado com o uso cotidiano das cartas, causos contados” (TORGA, 2006, p. 28).

Então o louco que conta fatos de suas viagens por São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e mais cidades, agrega as pessoas, faz rir os amigos e vizinhos é o homem destituído de sua loucura, que só consegue se comunicar com o outro quando a insanidade é só latência. Aí “Tio Zózimo parecia era gente de circo, um circo com todas as luzes acesas” (DOURADO, 1997, p. 105). Quando se rende a um intenso convívio social e se dispõe a alegrar os familiares e as pessoas da comunidade, seus atos denotam uma elevada autoestima e um sentimento de altivez por estar em situação de vantagem, por ter tanto a contar. As demais personagens valorizam e admiram a fala, os sonhos, a independência de pensamento e as atitudes do louco, pois ele é a pessoa da comunidade que as conecta a novas vivências, fruto das narrativas de suas andanças por lugares desconhecidos. Esse é um dos elementos de uma “complementaridade benéfica, algumas vezes até indispensável à expansão da própria identidade” (LANDOWSKI, 2002, p. 49) que tanto o grupo familiar quanto o social descobre *no outro*. Essa “admissão” mantém “*a condição todavia* – e aí também, é essa restrição que constitui o ponto essencial – que não se venha a, por força de atração e de aproximações mútuas, deixar se fundirem as duas entidades assim postas em contato, pois isso resultaria, no fim das contas, em reduzir o Outro ao Mesmo, em outras palavras, em assimilá-lo” (LANDOWSKI, 2002, p. 49).

Além do silenciamento acerca da condição da loucura, também o louco não fala de si próprio, de sua condição estigmatizada e excluída e de sua subjetividade deteriorada. Não há espaço para se conhecer o íntimo da personagem, não sendo possível divisar o que significa, para ela, ser louca. Ou seja, não se problematiza a condição de louco a partir da vivência do próprio louco, o que não permite conhecer como ele se vê e se sente enquanto

louco e o que significa, para ele, a experiência da loucura. Ao louco não cabe a palavra para verbalizar ou racionalizar sua situação e seu lugar na família, que pode ser identificado como o da ameaça e da ruína.

Ora ele representa ameaça e desassossego, ora é garantia de companhia inteligente e bem humorada. Um sentimento trágico, misto de dor, repulsa, afeto e desejo de proteção, é expresso na representação do estado de espírito dos entes familiares. Já os movimentos do menino oscilam entre a curiosidade de conhecer o que se passa com o tio nos “dias ruins” e o encantamento por seu modo de ser nos períodos de lucidez. Tanto que nos momentos em que o surto determina o afastamento dos familiares e o isolamento de Zózimo, João se aproxima curioso para observar o tio louco. No entanto, ele passa pelo sobrinho como se não o estivesse vendo, o que possibilita ao menino uma aproximação maior e lhe permite um olhar atento e diferenciado em relação às demais personagens.

João percebe, em sua perspectiva infantil, a onda de incerteza e a atmosfera de segredo e interdição em torno da figura do tio. Ele pressente um ambiente carregado de desconfiança, ansiedade, apreensão e sofrimento nas vésperas da chegada de Zózimo. Conflitam-se na formação da personalidade do menino a disposição individual – o interesse de aproximar-se do louco, impressionado por seu olhar que condensa ódio e medo – e a determinação social – a recusa a se relacionar com algo vergonhoso: aproximar-se do louco é identificar-se de alguma forma com ele, é compreender sua percepção de mundo, implica partilhar de sua loucura e, conseqüentemente, do estigma. Por isso, a família do louco resiste tanto a tornar pública a chegada de Zózimo, em crise: ela se envergonha do estigma que carrega.

Tomado por ameaças infundadas, criadas por seu mundo subjetivo, a elas Zózimo responde com delírios persecutórios e ideias de caráter vingativo, que o tornam irreconhecível. Esse comportamento paranoico deriva do convencimento de que tem contas a ajustar com todos, especialmente com o seu irmão Alfredo. Mas o medo que o louco provoca – reação à ameaça que ele representa – é também resultado do medo que ele próprio sente. Esse medo do louco e de seu descontrole contamina todos na casa.

Consideram-no uma ameaça porque, quando se torna furioso, há o risco de ele atacar fisicamente as pessoas.

Enquanto a expectativa por sua chegada é tensa e contraditória, os momentos de crise são vividos com tristeza e medo, mas também com a certeza de que fazem parte de um ciclo, e, portanto, são passageiros: “... João sabia, vovô Tomé sabia, todos sabiam que aqueles dias ruins de tio Zózimo não duravam muito. No fim de um mês ele estaria bom. Era o que todos esperavam aflitos. E então se esquecia” (DOURADO, 1997, p. 101). Essa periodicidade destaca um caráter bem curioso na representação da loucura, daí o “antigo termo de ‘lunáticos’ dado a doentes cujas crises e respectivas remissões acompanhavam as fases da Lua” (BASTIDE, 1965, p. 247). Mas mesmo quando se relaciona a causa do surto a um fenômeno meteorológico e não social, o antropólogo Roger Bastide explica que “essa meteorologia, no fundo, já é social, pois é tomada dos mitos lunares, em particular a ideia de que a Lua (Hécate, a lua mágica) está em relação com todos os fenômenos perigosos para a sociedade humana” (BASTIDE, 1965, p. 247).

Chama a atenção a forma diferenciada como cada membro da família se comporta com o louco, a depender do estado de Zózimo e da relação de parentesco dentro do grupo familiar. A ordem familiar é “a instância imediata que efetua a divisão entre razão e loucura” (FOUCAULT, 1991, p. 443) porque nela o indivíduo manifesta suas idiosincrasias e, confrontado com o seu semelhante no modo de pensar e se comportar, é reconhecido, através da diferença, como o outro, em quem essa diferença é tratada como desvio da normalidade. Não se vendo entre os mesmos como o igual, o normal, a ordem, a razão, o louco é um outro, o excêntrico por definição, que só pode ser o anormal, a desordem, a desrazão. A partir dessa constatação, na família “a lei não-escrita assume uma significação de natureza e ao mesmo tempo o homem privado recebe o estatuto de juiz, trazendo para o domínio do debate público seu diálogo cotidiano com o desatino” (FOUCAULT, 1991, p. 443).

Com a chegada do louco, família se vê confusa e dividida quanto ao destino a ser dado ao louco, especialmente porque ele é um estorvo, alguém para quem só existe um espaço no contexto familiar quando está bem. Fora isso, é representando como um pesado

fardo que vive a transtorná-la. Sua figura vem abalar os pressupostos de uma ordem familiar e social extremamente rígida. É por demais estranho e incômodo para ser aceito sem reticências (MOSCOVICI, 2005, p. 13), e então o relacionamento com ele é pautado pelos sentimentos de vergonha, culpa, humilhação e medo por abrigarem na família um ser diferente, fato que gera uma profunda ferida social e uma grande dor existencial.

Além do mal-estar, da perturbação do sossego e da ameaça à paz familiar, a loucura é mostrada como uma condição que rebaixa não apenas o louco, mas todos que com ele convivem. Ter um louco na família é algo indigno, que pode significar sua desvalorização social, por isso é escondido como uma mancha. A diferença que produz vergonha na família é aceita pelo grupo social porque a personagem manipula devidamente seu *status* de doente e está livre para ser um desviante. Ocorre a situação seguinte, descrita por Goffman como a do *desviante intragrupal*: “em vários grupos e comunidades muito unidos, há exemplos de um membro que se desvia, quer em atos, quer em atributos que possui, ou em ambos e, em consequência, passa a desempenhar um papel especial, tornando-se um símbolo do grupo e alguém que desempenha certas funções cômicas, ao mesmo tempo que lhe é negado o respeito que merecem outros membros maduros” (GOFFMAN, 1988, p. 152).

A inclusão intensiva de Zózimo naquele grupo é ambivalente e, para isso, a comunidade também desenvolveu estratégias de convivência com ele, solidarizando-se com a família, a fim de manter o respeito ao sigilo de sua singularidade. Mas no fundo dessa atitude subjaz um discurso ético-moralizante de que a loucura é motivo de culpa, vergonha e humilhação. Ainda que Zózimo tenha estabelecido com as pessoas da comunidade um relacionamento amistoso, as representações sociais do grupo constroem uma imagem da loucura baseada fundamentalmente na estranheza e na anormalidade. Essa estranheza é importante para impor uma rigorosa separação, uma divisão interna, familiar e social, contrapondo o louco ao não louco. A identidade coletiva não suporta a aproximação com o louco, pois a proximidade baseada na compreensão e aceitação do outro evoca o fantasma da fusão louco-não louco (JODELET, 1998, p. 64). Isso explica por que

quando o sentimento de semelhança do outro corre o risco de conduzir a uma identificação e assimilação que o inserirão integralmente na matriz social, faz-se necessário construir e afirmar por todos os meios de expressão social a alteridade do louco, que se torna a de todos os que se sentem próximos dele. [E] assim se multiplicam as barreiras materiais e simbólicas, que só conseguem permanecer de pé porque elas se apoiam mutuamente (JODELET, 1998, p. 64).

O receio dessa contaminação e do conseqüente afrouxamento das fronteiras que ocorre com a proximidade mesmo-outro leva a família a se envergonhar de ter um louco em seu grupo.

Em uma época de acelerado desenvolvimento científico e tecnológico, considera-se que o louco, como o animal, “pertence antes à contranatureza, a uma negatividade que ameaça a ordem e põe em perigo, por seu furor, a sabedoria positiva da natureza”. Nessa perspectiva determinista, e ao mesmo tempo ética, a loucura assume o papel de um “mecanismo patológico da natureza”, também aliado ao escândalo da animalidade (FOUCAULT, 1991, p. 149-62). Se a razão faz com que o ser humano tenha poder sobre sua natureza animal, na loucura essa se mostra indomada. Nos movimentos de incessante ir e vir da personagem, sem um propósito determinado, pode-se confundir homem e animal, principalmente quando os motivos de seu retorno à casa são explicados como os de “um bicho ferido de morte que busca a sua toca” (DOURADO, 1997, p. 100). As comparações identificam no louco um comportamento instintivo, associando-o a perigo, ameaça, maldade, num corpo onde até seu “cheiro rançoso e enjoativo”, que parecia vir do tio e grudar no nariz (DOURADO, 1997, p. 102), indica que a cultura foi suplantada pela natureza.

Na década de 1970, o campo do tratamento mental notabiliza-se por uma intensa corrida pela criação de mais leitos psiquiátricos nos hospitais em geral e de mais hospitais psiquiátricos no país, com a liberação de vultosas somas para o tratamento dos transtornos psíquicos (DATASUS, 1999, p. 1). Por isso, o texto repercute a busca da internação como a solução privilegiada para o problema da loucura e a dificuldade de acesso às vagas nos hospícios. Também está presente uma crítica à falta de infraestrutura do

sistema de saúde brasileiro nas regiões afastadas dos centros urbanos e às dificuldades de acesso da população às instituições asilares.

Na base dessas referências ao desejo de internamento dos parentes loucos e à suposta ineficácia de medicamentos para se tratar dos distúrbios psíquicos subjaz a ideologia dos movimentos da luta antimanicomial que se iniciaram no Brasil efetivamente nos anos 1980, mas que já estavam em curso no mundo desde o início da década anterior. Com o envolvimento de representantes da comunidade médica, da classe política e da sociedade civil, esse movimento vem buscando a humanização das relações no campo psiquiátrico e de novas formas de abordagem da questão. A proposta é uma radical transformação das políticas assistenciais no formato excludente e segregacionista que elas vieram apresentando no Brasil desde meados do século XIX.

Pontuando as peculiaridades da vida no Brasil sob os pesados “anos de chumbo” da ditadura militar, o subtexto cria uma conexão entre a história de Zózimo e a realidade extraliterária. Entre tantos mistérios que cercam a personagem, permanecem obscuras as atividades que ela desempenha em suas errâncias pelas cidades, e fica a sugestão de seu possível envolvimento na militância esquerdista ou apenas sua adesão à causa revolucionária. O cerceamento à liberdade de expressão e de circulação que marca o período de regime autoritário acha-se internalizado nas filigranas do texto. Quando o narrador se refere às preleções do tio sobre o “progresso” e as “transformações sociais”, sugere-se sua familiaridade com esse tipo de discurso: “E quando ele falava do progresso, das transformações sociais? Que palavreado bonito usava, parecia até um orador ou um daqueles padres missionários que de vez em quando davam com os costados em Duas Pontes e todo mundo ia à igreja ouvir as pregações” (DOURADO, 1997, p. 106).

O texto de Autran Dourado traz à tona o louco que não se submete às leis do pai e rompe a estrutura coesa da família. Entretanto, apresenta um cunho conservador quando mostra o louco como incapaz de reagir àquilo que o destino reserva para ele. Embora a narrativa não contenha informações evidentes sobre a origem de sua loucura, a personagem apresenta um profundo desconforto com a ideia de se segregar na vida limitada no círculo

familiar e no universo da pacata cidade interiorana. Após tantas andanças, porém, o único caminho é a volta, desencantado e desiludido, para a casa do pai. E é curioso que o texto que se inicia com a incerteza, uma incógnita que gira em torno do fenômeno da loucura, fecha-se com uma certeza, a de que a morte é a única saída para refrear as peregrinações do desatino: “tinha-se a certeza de que aquela era a sua última partida, ele não voltaria nunca mais” (DOURADO, 1997, p. 19).

E assim sua loucura significa a impossibilidade de construção de uma autonomia. É impossível não relacioná-la ao conflito que é colocado ao indivíduo: a maturidade exige a independência psicológica, física, financeira, o andar sozinho no desamparo do mundo, o que psicologicamente pode significar a incompreensão de que esse desamparo é uma condição intrínseca do ser humano. Como um ser limitado, inacabado, ele se acha perdido, incompleto, incapaz, uma criatura sem seu criador por perto. Essa privação lhe causa medo, pânico, desespero, loucura. Manter-se louco, alienado é assegurar a incapacidade, a dependência, a subordinação, a menoridade, mas é também garantir, instintivamente, a própria sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger. **Sociologia das doenças mentais**. Tradução de Ramiro da Fonseca. Lisboa: Publicações Europa América, 1965.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DaMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DATASUS: Tabnet/ **Rede hospitalar do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- DOURADO, Autran. **O risco do bordado**. 14. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997. [Ed. original: 1970].
- DURKHEIM, Emile. **Suicídio: definição do problema, suicídio altruísta, suicídio egoísta, suicídio anômico**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Doença mental e psicologia**. Tradução de Lilian Shalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

JODELET, Denise. “A alteridade como produto e processo psicossocial”. In: ARRUDA, Ângela (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 47-67.

JOFFE, Helénè. “Degradação, desejo e ‘o outro’”. In: ARRUDA, Ângela (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 109-120.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MOSCOVICI, Serge. “Prefácio”, em JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Tradução de Luci Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **O risco do bordado de Autran Dourado – a alusão nos gêneros textuais: o romance e a tese**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

VINCENT, Gerard. “Uma história do segredo”. In: PROST, Antoine e VINCENT, Gérard (Orgs.). **História da vida privada: da Primeira Guerra aos nossos dias**. v. 5. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 311-2.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

Recebido: 20/05/2012

Aprovado: 28/06/2012

